

AS LIÇÕES CÍVICAS DE VOVÔ: VIRIATO CORRÊA E A CULTURA HISTÓRICA ESCOLAR (1921-1962)

OSÉ RICARDO ORIÁ FERNANDES (FE-USP)

3- Cultura e Práticas Escolares

O presente texto é parte integrante do projeto de pesquisa, intitulado “**A História contada às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira**”, que estamos desenvolvendo no âmbito do Doutorado em História da Educação e Historiografia, na Faculdade de Educação da USP, sob a orientação da Profª Circe Bittencourt. Ele é fruto também de discussões acadêmicas realizadas nos seminários temáticos do Projeto LIVRES, da mesma Faculdade, que pretende mapear a literatura didática existente no País, desde 1810 até o ano de 2005, contemplando as diferentes disciplinas do currículo escolar.

Para fundamentar melhor nossa proposta, iremos analisar, inicialmente, o papel que desempenhou alguns membros da Academia Brasileira de Letras (ABL), na produção de uma determinada literatura escolar, responsável por uma dada concepção de História, que se mostrou importante na formulação da identidade nacional.

Entre esses membros avulta o nome do escritor maranhense Viriato Corrêa (1884-1967). Sua obra infanto-juvenil centrada na História nacional constitui, portanto, o objeto de análise desta comunicação.

A Academia Brasileira de Letras- lugar de memória da educação nacional

Mesmo após a vinda da família real portuguesa para o Brasil (1808) e a instalação da Imprensa Régia por D. João VI, a carência de manuais didáticos em língua portuguesa era fato notório e preocupação de alguns nomes da *intelligentsia* nacional. Até os primeiros anos da República, muitos livros, embora publicados por editoras nacionais, eram impressos no exterior (HALLEWELL, 1985).

Segundo a historiadora Circe Bittencourt (2004), a primeira fase da história do livro didático no Brasil, entre meados do século XIX e primeiras décadas republicanas, caracteriza-se pela produção editorial de livros, cujos autores são

predominantemente integrantes da *intelligentsia* nacional, que tinham assento nas academias científicas e literárias, nos institutos históricos e nas escolas politécnicas e militares e no Colégio Pedro II. Isso se explica pelo fato de que a atividade do magistério era, em grande parte, exercida por esses “homens de ciencia e de letras”, já que não havia ainda uma profissionalização do educador, o que vai ocorrer somente a partir dos anos 30 do séc. XX, com a criação dos primeiros cursos de formação de professores no âmbito das faculdades de filosofia, letras e ciências.

No ano de 1897, eis que é criada por um grupo de escritores e intelectuais (Machado de Assis, Silvio Romero, Afonso Celso, Olavo Bilac, Coelho Neto, entre outros), a Academia Brasileira de Letras (ABL), nos moldes da academia francesa, na então capital do Império (PIZA, 2003).

A criação da ABL se dá num momento particular da História do País. Desde a segunda metade do séc. XIX, com o fim do trabalho escravo (1888) e a Proclamação da República (1889), o País passava por profundas transformações sociais. Neste contexto, havia, pois, a necessidade premente de se formular uma explicação do País, condizente com este momento histórico. Assim, as associações literárias, os institutos históricos, as academias científicas e as faculdades de direito, responsáveis pela formação dos quadros da elite burocrática estatal, vão exercer um papel fundamental na formulação de uma nova interpretação para o Brasil.

A carência de manuais didáticos no idioma pátrio para o ensino brasileiro fez com que os intelectuais, políticos e literatos- todos eles imbuídos do espírito nacionalista- passem a se dedicar a escrita de livros escolares.

Um dos espaços dessa produção didática se dá entre os membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) que, movidos pelo ideário iluminista, consideravam-se os guardiões da língua pátria. Nomes como Silvio Romero (**A História do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis. Livro para as classes primárias**, 1890), João Ribeiro (**História do Brasil**, 1900), Afrânio Peixoto (**Noções de hygiene: livro de leitura para as escolas**, 1914; **Minha Terra, minha gente**, 1915), Rocha Pombo (**Nossa Pátria**, 1917; **História do Brasil**, 1918) produziram manuais didáticos e livros de leitura destinados ao ensino primário e secundário.

Mesmo após o fim do regime monárquico, esses intelectuais

continuaram dando a sua contribuição para a educação brasileira, sobretudo na produção de obras de cunho cívico-patriótico. É o caso, por exemplo, do Conde Affonso Celso, um dos fundadores da ABL, que escreveu **Por que me ufano do meu País** (1900), dedicado a seus filhos em comemoração aos quatro séculos do Descobrimento do Brasil, onde faz uma explanação laudatória das riquezas e potencialidades do País.

Nas primeiras décadas da República, escritores e poetas parnasianos como Olavo Bilac e Coelho Neto, ainda movidos pelo nacionalismo, escreveram obras que passaram a ser amplamente adotadas pelas escolas primárias de todo o País, a saber: **Contos Pátrios** (1904) e a **Pátria Brasileira** (1909).

Olavo Bilac, juntamente com o Diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, o escritor sergipano Manoel Bomfim, escreveu a obra **Através do Brasil: prática da língua portuguesa. Narrativa**. Impresso em Paris, como de costume e lançado pela Livraria Francisco Alves em 1910, o livro fez sucesso nas escolas. Teve sucessivas edições (43ª edição, em 1958), “fazendo a cabeça” de gerações de brasileiros, que se encantavam com as aventuras dos dois irmãos Carlos e Alfredo, que percorrem o Brasil, de norte a sul. Foi o livro de leitura mais utilizado durante cinquenta anos nas escolas brasileiras (BOTELHO, 2002).

Por se constituir num *locus* da produção literária destinada ao uso das escolas, seja através de manuais didáticos ou livros de leituras e antologias escolares, consideramos que a Academia Brasileira de Letras, a exemplo de outras instâncias da sociedade, é, por excelência, um “lugar de memória” (NORA, 1993) da educação em nosso país. Razão pela qual tomamos como objeto de estudo a produção literária infanto-juvenil de um dos acadêmicos- Viriato Corrêa.

Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira

O nome de Viriato Corrêa está indelevelmente associado ao seu livro de maior sucesso- **Cazuza: memórias de um menino de escola** (1938), um clássico da literatura infantil. O que poucos conhecem é que ele, além de escritor, jornalista e bacharel em Direito, escreveu diversos livros de crônicas históricas e, principalmente, livros infanto-juvenis com temática histórica, que passaram a ser adotados em escolas e serviram também para a formação de professores que lecionavam na escola primária. Vale a pena conhecer um pouco

mais da biografia deste nome da *intelligentsia* nacional, que revela o espírito sócio-cultural do período republicano brasileiro.

Manuel Viriato Corrêa Baima do Lago Filho nasceu em 23 de janeiro de 1884, no povoado de Pirapemas, Estado do Maranhão. Era filho de Manuel Viriato Corrêa Baima e de Raimunda N. Silva Baima. Ainda criança, Viriato deixou a cidade natal para fazer os cursos primário e secundário em São Luis. Sua veia literária já se fazia presente aos 16 anos quando escreveu os seus primeiros contos e poesias. Mudou-se para Recife a fim de cursar a Faculdade de Direito, que freqüentou por três anos. Sob o pretexto de terminar o curso jurídico na capital do País, Viriato mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a ter contato com a geração boêmia que marcou a intelectualidade brasileira no começo do século XX.

Por interferência de seu amigo Medeiros e Albuquerque, Viriato Corrêa obteve colocação na *Gazeta de Notícias*, iniciando, portanto, uma profícua carreira jornalística que se estenderia por longos anos. Viriato também escreveu em outros importantes jornais da capital, tais como *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e a *Folha do Dia*. Foi fundador de uma coluna destinada às crianças no jornal *Gazeta de Notícias*- o **Fafazinho**, o que já revelava seu pendor em escrever para o público infantil. Colaborou também em revistas de época, a exemplo de *Careta*, *Ilustração Brasileira*, *Cosmos*, *A Noite Ilustrada*, *Para Todos*, *O Malho* e *Tico-Tico*, considerada a primeira revista voltada inteiramente ao segmento infantil.

Muitas das suas obras surgem no âmbito das redações destes jornais que, posteriormente, são transformados em livros. É o caso, por exemplo, de *Gaveta de Sapateiro*, originalmente uma coluna semanal de crônicas históricas do *Jornal do Brasil*, em que Viriato usava o pseudônimo de Frei Caneco. Devido ao sucesso dessa coluna, Viriato publica em 1932, pela Companhia Editora Nacional, o livro homônimo, com o seguinte título- **Gaveta de Sapateiro: miudezas desarrumadas da história nacional**.

Em parceria com João do Rio, escreveu seu primeiro livro infantil, intitulado **Era uma vez...contos infantis** (1908). No entanto, Viriato vai se consagrar no campo da narrativa histórica. Escreveu neste gênero mais de uma dezena de títulos, entre os quais se destacam **Terra de Santa Cruz** (1921), **Histórias da nossa história: crônicas e contos históricos** (1921), **Brasil dos meus avós** (1927), **Bau velho: roupas antigas da história brasileira** (1927) e **Alcovas da História (cantinhos, esceninhos e recesso da vida histórica do Brasil)** (1934).

Seu destaque maior se deu na produção literária de cunho infantil, ao criar a figura do vovô que conta histórias às crianças na sua chácara embaixo de árvores. As “lições de história do vovô” estão presentes em livros como **História do Brasil para crianças** (1934) e **Histórias da história brasileira (para crianças)** (1952).

Na sua atividade jornalística, Viriato dedicou-se à crítica teatral e foi também professor de história do teatro na Escola Dramática do Rio de Janeiro. Escreveu cerca de 30 peças, entre dramas e comédias, que focalizam ambientes rurais e urbanos, vinculando-o à tradição do teatro de costumes.

Como homem de seu tempo e antenado com as questões sociais e políticas do País, Viriato dedicou-se também à vida pública, tendo sido eleito Deputado Estadual, em 1911, e Deputado Federal (1927-1930), ambos mandatos como representante do Estado do Maranhão.

Em 1938, após três tentativas frustradas, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na cadeira de número 32, criada por Carlos de Laet e cujo patrono é Araújo Porto Alegre.

Viriato Corrêa e a cultura histórica escolar

Ao produzir livros destinados ao público infanto-juvenil sobre fatos e personagens de nossa história, levantamos como hipótese o fato de que Viriato Corrêa, embora não sendo historiador, nem tampouco professor de história, contribuiu também para a construção de um dado saber histórico escolar.

Uma leitura mais atenta de seus primeiros livros dedicados ao público infanto-juvenil das escolas permite-nos concluir, citando outro acadêmico, o imortal Afrânio Coutinho, que *“para ele, a História é uma escola, onde devemos abeberar-nos para enriquecer nosso patriotismo e o amor das nossas coisas.”*(CORRÊA, s.d.) (grifos do autor)

Seu primeiro livro infanto-juvenil, que tematizou a história nacional, foi **Contos da História do Brasil (para uso das escolas)**, de 1921. Nele, Viriato adota a periodização seguida por Silvio Romero, que divide a história nacional em séculos. Este livro surgiu de um apelo de professores do Rio de Janeiro, que pretendiam adotar nas escolas seus primeiros livros de crônicas históricas. É o próprio Viriato que assim se refere na introdução:

“Apoz a publicação das Historias da nossa historia e da Terra de Santa Cruz, várias figuras do magistério publico carioca, por gentileza ou por amisade, manifestaram desejos de adoptar os dois livros nas escolas, para a leitura cívica das creanças. (...) É esta a razão de ser dos Contos da Historia do Brasil.” (CORRÊA, 1921). (grifos do autor)

No entanto, o livro de maior sucesso junto ao segmento infanto-juvenil, bem como até mesmo junto ao público adulto, foi **História do Brasil para crianças**, de 1934, publicado pela editora de Monteiro Lobato- a Companhia Editora Nacional, e que teve 28 edições. Essa mesma editora irá lançar uma coleção coordenada pelo educador Fernando de Azevedo e intitulada “Biblioteca Pedagógica Brasileira (Literatura Infantil)”. Nesta coleção, constam duas obras de Viriato, a saber: **História do Brasil para crianças** (1934) e **Meu Torrão: contos da Historia Pátria** (1935) ⁱ. Embora **História do Brasil para crianças** não seja um manual especificamente didático, ele teve seu reconhecimento oficial pelo Ministério da Educação, através do registro nº 966 da Comissão Nacional do Livro Didático ⁱⁱ.

Podemos sintetizar afirmando que a concepção de História presente nos livros de Viriato Corrêa possui as seguintes características:

1. A História como mestra da vida, fonte de infinitas lições para as novas gerações, que deveriam se espelhar no exemplo de brasileiros patriotas, que, em vida, se dedicaram à causa nacional. *“A grandeza do Brasil depende de vocês, meus meninos. As crianças é que são o futuro de um país. Se vocês seguirem o exemplo dos grandes homens que eu acabei de nomear, se trabalharem, se estudarem, se cultivarem a inteligência, o Brasil amanhã poderá ser a mais bela, a mais rica, a primeira nação do mundo.”* (CORRÊA, 1957, 236)

2. A História como narrativa oral, em que se destaca a figura do ancestral (o vovô), que conta histórias às crianças e que dela participou: *“Uma vez, pela manhã, ele (vovô) nos disse que tinha uma história bonita e muito comprida para nos contar. Não era, porém, história de bichos nem de princesas e príncipes encantados.*

- Que história é? perguntamos .

- É a História do Brasil, afirmou. ” (CORRÊA, 1957,17)

3. A História como relato dos fatos importantes dignos de registro à posteridade, mas também de fatos pitorescos que foram esquecidos pelos historiadores. *“Sem história não há pátria. E a história não são unicamente os acontecimentos bellicos, o*

heroísmo da espada e o choque das batalhas. História é a aventura no bom sentido, é a audácia, é o desenvolvimento da capacidade de trabalho, é a ascensão para a posteridade, é a bravura do labor, é o descortínio do futuro, é a inquietação fecunda da inteligência, é a realização” (CORRÊA, 1934, 159).

4. A História possui um caráter formativo, ao fornecer elementos que servem para a construção de valores morais e cívicos, calcados no culto à Pátria e no exemplo edificante de alguns brasileiros. *“Aprender a história é fortificar o caráter , ilustrar o espírito e encher o coração com a esperança de melhores dias para a pátria, pelo aproveitamento dos sadios exemplos.”*(CORRÊA, 1934).

5. A História que deveria ser ensinada às crianças: *“Às crianças só interessa o que é vistoso.Neste livro, procura-se dar às crianças apenas a superfície vistosa da história brasileira. Nada de filosofia. Nada de profundos aspectos históricos que lhes possam causar bocejos .”* (CORRÊA, 1957, 11)

O historiador português Luís Reis Torgal, ao analisar o ensino de história para crianças, faz uma análise procedente da obra de Viriato Corrêa. Diz ele: *“No Brasil, a história tradicionalista de Viriato Corrêa, não obstante relevar o fenômeno de formação da independência (menos contra Portugal do que de Portugal), embora salientando a miscigenação brasileira (um dos mitos culturais da visão histórica do Brasil) e apesar de conceber a história num processo antropológico, cultural, e geográfico americano, não deixa de se ligar a uma concepção europocêntrica, de onde faz derivar as raízes cristãs da civilização brasileira, que procura salientar.”* (TORGAL, 1992, 38/39)

Viriato Corrêa veio a falecer em 1967, ano em que a “Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro” lhe prestou uma homenagem ao tomar como enredo o seu ultimo livro publicado **Historia da Liberdade no Brasil**, de 1962. Nesta obra, Viriato destaca, segundo ele próprio, o caráter libertário do povo brasileiro, ao mostrar fatos históricos já consagrados pela historiografia, como a Revolta de Beckman, a Inconfidência Mineira, a Conjuração Baiana, a Confederação do Equador, entre outros.

À guisa de conclusão

No decorrer deste texto, tentamos evidenciar que o livro didático

constitui importante fonte para a História da Educação, ao mesmo tempo em que é também objeto para o estudo da cultura escolarizada, sobretudo nas sociedades ocidentais, que tem na escola o *locus* privilegiado de acesso ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

Hoje, é indiscutível que a história da edição escolar constitui um dos campos mais promissores da História da Educação (CHOPPIN, 2004), especialmente nos campos da história das disciplinas escolares, história dos currículos e programas, história da leitura, bem como no estudo da cultura material escolar, através de suas práticas e representações.

Por outro lado, consideramos que a História da Educação não é só feita pela ação institucional do Estado e pelos pensadores que se dedicaram ao desenvolvimento das idéias pedagógicas. O estudo e a pesquisa da História educacional devem também se debruçar sobre a atuação de outras instâncias e grupos da sociedade que se preocuparam com o ensino. É o caso, por exemplo, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

A partir da segunda metade do século XIX e primeiras décadas republicanas, expressivos nomes da *intelligentsia* nacional tiveram assento nas Academias Literárias, nos Institutos Históricos, nas Faculdades de Direito e no Colégio Pedro II, considerado modelo para os liceus e colégios provinciais. Eram homens de *sciencia*, escritores, juristas, políticos, muitos deles ocupantes de cargos no aparelho do estado. Tiveram também um importante papel na história da educação brasileira, pois, além de se dedicarem a outras atividades, escreveram manuais e compêndios didáticos para suprir uma carência de material escolar nas escolas brasileiras.

O papel exercido pela ABL, seja na defesa da língua pátria, seja na difusão de uma escrita da história, seja na divulgação de fatos e personagens, criou o que se convencionou chamar de uma “pedagogia do cidadão”. Para os acadêmicos, entre eles Viriato Corrêa, o ensino, além de proporcionar os conhecimentos necessários à instrução do aluno, deveria se preocupar com os valores cívicos e patrióticos, necessários à formação do cidadão, de acordo com os interesses do estado nacional.

Tudo isso nos leva concluir, parafraseando o antropólogo Nestor Garcia Canclini (CANCLIN, 1995) , que a construção da identidade nacional esteve diretamente relacionada ao projeto educacional dos estados na busca de sua legitimação e

inserção na história. E, neste contexto, os livros didáticos, juntamente com os museus, o ensino da história, as datas comemorativas, as efemérides nacionais e os rituais cívicos foram elementos decisivos da cultura escolar no fortalecimento do sentimento de nação.

Viriato Corrêa, embora não fosse um típico escritor de compêndios didáticos, nem tampouco historiador, contribuiu para a construção do saber histórico escolar, através de sua obra infanto-juvenil, em que abordava fatos e personagens da história nacional, com a missão de formar civicamente as crianças e os jovens brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, Circe. “Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)”. **Educação e Pesquisa**, v. 30, nº 3, set./dez. 2004
- BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais**.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- CHOPIN, Alain. “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”. **Educação e Pesquisa**, v. 30, nº 3, set./dez. 2004.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: T. ^a Queirós/EDUSP, 1985.
- NORA, Pierre. "Entre Memória e História: a problemática dos lugares". In: **Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP**. São Paulo, nº 10, dez. 1993.
- PIZA, Daniel. **Academia Brasileira de Letras: histórias e revelações**. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.
- TORRAL, Luís Reis. “A História contada às crianças”. In: Primeiro Encontro sobre o Ensino da História. Comunicações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- BILAC, Olavo e BONFIM, Manoel. **Através do Brasil: prática da língua portuguesa. Narrativa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Col. Retratos do Brasil.

- CORRÊA, Viriato. **Terra de Santa Cruz (biografia, introdução e notas de Afrânio Coutinho)**. São Paulo: Ediouro, s.d; Coleção Prestígio.
- _____ . **Contos da História do Brasil (para uso das escolas)**. Rio de Janeiro: A. J. de Castilho Editor, 1921.
- _____ . **História do Brasil para crianças**. 21^a. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.
- _____ . **Alcovas da História (cantinhos, esceninhos e recesso da vida histórica do Brasil)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- _____ . **História da Liberdade no Brasil**. 2^a. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro (INL), 1974.

NOTAS

ⁱ Viriato Corrêa dedica este livro a Monteiro Lobato: “*A Monteiro Lobato, mestre de todos nós que escrevemos para crianças*”.

ⁱⁱ O Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/1938, cria a **Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD)** , no âmbito da política educacional centralizadora do Estado Novo (1937-1945), tendo à frente a figura do Ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema. É considerada, portanto, a primeira legislação de controle da produção e circulação do livro didático no País.